

PLATAFORMA E POPULISMO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

IstoÉ-Senhor, 19.4.1989

Alguns candidatos à presidência da República insistem que deve haver uma distinção entre a sua plataforma eleitoral e o programa de seu partido. A plataforma seria um documento voltado para os problemas concretos que o candidato deverá enfrentar caso eleito, enquanto o programa do partido conteria definições ideológicas de longo prazo. A distinção parece razoável, mas, na verdade, não passa de mais uma forma de expressão do populismo que grassa neste país. Na plataforma é possível prometer tudo, atender a todos, fazer todas as concessões possíveis e imagináveis. No programa seria mais difícil fazer o mesmo, seja porque a maioria dos programas partidários são meros documentos formais, seja porque, nos raros casos em que existe de fato um programa, não seria nele que se poderiam fazer todas as promessas eleitorais "necessárias".

Coloquei entre aspas o adjetivo "necessárias" porque este é um problema que precisa ser resolvido no Brasil. Há um número enorme de pessoas neste país que estão convencidas que só é possível a um presidente ser eleito se usar extensivamente do populismo ou da demagogia. Alguns adotam essa posição por cinismo - para justificar sua própria ação ou de seus comparsas -, mas a maioria dos que pensam assim é constituída de cidadãos da melhor qualidade moral que adotam essa crença a partir de um profundo pessimismo em relação à política no Brasil.

No Congresso Nacional do PSDB, que aprovou o programa do partido para as próximas eleições, surgiu essa questão. Algumas pessoas sugeriam que o documento que estava em discussão era "sério demais" e que seria, depois, necessário preparar uma plataforma de governo "mais popular", ou seja, mais demagógica. Essa proposta, entretanto, não prosperou. A posição do senador Mário Covas a respeito era bem conhecida: esse programa, a ser discutido e aprovado por todo partido, evitou qualquer tipo de populismo e será a base de sua campanha eleitoral. Certamente serão preparadas versões mais simplificadas do programa, de entendimento mais fácil para os eleitores, mas não se farão promessas ou concessões em desacordo com o programa básico aprovado.

Diante dessa orientação do PSDB e de Mário Covas tenho ouvido com frequência - exatamente daqueles cidadãos pessimistas - a seguinte frase: "mas assim Covas não se eleger ; o populismo pode ser de esquerda, a la Brizola, ou de direita, a la Jânio ou Quércia, mas é necessário para quem queira ser eleito".

Admito que o populismo - inclusive o populismo ideológico a la Lula, com promessas de grandes aumentos salariais logo após a eleição - ainda tem muito espaço no Brasil. Mas discordo que apenas o populismo ou a demagogia ganhem eleições. Desde 1974 o MDB e depois o PMDB - enquanto não estava ainda desmoralizado - ganharam eleições e mais eleições sem recurso ao populismo. A vitória dos candidatos do PT nas últimas eleições municipais certamente não foi uma manifestação populista.

Não há dúvida que o Brasil é ainda um país subdesenvolvido politicamente, que a cidadania é ainda incipiente, mas é um erro subestimar a capacidade de decisão do eleitor brasileiro. O número de eleitores que vota por motivos clientelistas para presidente da República é muito pequeno e cada vez torna-se menor. Cada eleitor vota segundo suas convicções. Ele pode ser enganado - já o foi no passado, certamente o será no futuro - mas ele está cada vez mais prevenido contra as mentiras. Ainda recentemente ouvi um jovem declarar para uma rádio que votaria naquele candidato que não fizesse promessas irrealizáveis. O PSDB e Mário Covas, ao identificarem plataforma com programa de partido, ao se lançarem em uma campanha eleitoral sem recorrer ao populismo, estão apostando no eleitor brasileiro enquanto cidadão. Certamente assim Mário Covas perderá alguns votos, mas ganhará mais do que perderá. E - de qualquer forma - de que vale fazer política se não for para apostar em uma consciência política cada vez maior do povo brasileiro?